

A escolarização do aluno surdo no Ensino Regular no Estado do Rio de Janeiro

Colégio Estadual Stella Matutina: uma história de cuidado

Eliane Villa Nova Barbosa¹

“Mais importante que saber é nunca perder a capacidade de sempre mais aprender. [...] O que se opõe ao descuido e ao descaso é o cuidado [...] uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilidade e de envolvimento afetivo com o outro.”

Leonardo Boff

A política educacional de inclusão de sujeitos com necessidades educacionais especiais, assumida mundialmente como tarefa fundamental da educação pública, é sempre um tema polêmico, atual e preocupante, pois, inúmeras vezes, na tentativa de viabilizá-la, caracterizando-se emergencialmente como fruto do cumprimento de uma obrigação meramente política, submete esses sujeitos a um processo de escolarização pouco responsável.

Nesse contexto, evidencia-se, em função de inúmeras variáveis (espaços inadequados, superlotação das salas de aula, desconhecimento de informações, etc.), na rede regular de ensino, uma falta de cuidado e de “com-paixão” (BOFF, 1999), que justificam o distanciamento, a incompreensão, a difusão de visão e a colocação de obstáculos no estabelecimento de uma relação afetiva com uma realidade diferente e significativa.

Não se percebe que o combate à insensibilidade, ao desrespeito, à falta de solidariedade e à apatia só pode ser travado pelo afeto, isto é, não se quer reconhecer que:

em um mundo onde se atingiram patamares de excelência na robótica e na ciência, na evolução cibernética e na revolução da informação, mas não se conseguiu entender o humano, a solução está no afeto. (CHALITA, 2004, p. 260)

Considerando-se, portanto, o cotidiano do educador dentro e fora da sala de aula, verifica-se que a análise de sua prática docente possibilita-lhe o efetivo desempenho de seu papel e que a reflexão de situações vivenciadas nesse espaço – consideradas, então, incomodativas, por vezes, geram ações, as quais fomentam a percepção

¹ Graduada em Letras: Português-Literaturas pela UFRJ. Especialista em Didática e Metodologia do Ensino Superior pela UES. Professora Regente da Rede Estadual de Ensino. E-mail: deifilius@ig.com.br

de que “cuidar é mais que um ato; é uma atitude” (BOFF, 1999) e, por isso, buscar respostas torna-se algo tão fundamental para sentir-se humano.

O processo ensino-aprendizagem exige um comprometimento do educador (FREIRE, 1996), que precisa estar atento à relação estabelecida entre o seu pensar e o seu agir, pois, quando o educando percebe a existência de uma coerência entre essas atitudes, maiores são as possibilidades de estabelecimento de um processo de aprendizagem dialético.

As considerações mencionadas justificam-se na medida em que a experiência de educação inclusiva desenvolvida no Colégio Estadual Stella Matutina (CESM), unidade escolar regular da rede estadual de ensino, foi desencadeada em decorrência de uma situação vivida há alguns anos. Em uma turma de terceira série, comportando um grande número de alunos, alguns professores designados, naquele ano, a trabalhar com a referida turma se surpreenderam com a presença de um aluno surdo, então denominado pelo grupo com o codinome “Mudinho”.

A presença desse aluno – Graciliano Edinaldo Candeia – na época, criou situações inusitadas e/ou embaraçosas, mas também provocou, apesar de toda a falta de conhecimento, uma pequena mudança de atitude na prática docente de alguns e, por conseguinte, outras e, talvez, novas competências, a partir daí, passaram a ter ressonância.

O trabalho não foi fácil, porém, ele, com mais ajuda do grupo do que com a do corpo docente, segundo a fala de alguns, iria, dali a algum tempo, concluir o seu curso, afinal de contas era inteligente, esperto, capaz e, como todos os outros, apenas, carecia de estratégia adequada a sua condição.

Tendo em vista que não era oralizado e que, também, não tinha um domínio básico da L2 (Língua Portuguesa), foi fundamental, em seu processo de escolarização, a ajuda de um colega de turma, Glauber de Souza Lemos, que, com seu conhecimento de LIBRAS, voluntariamente, passou a prestar assistência a esse aluno surdo.

A partir, então, da inserção de alguns desses educadores nessa realidade marcada por experiências instigantes e frustrantes, a Educação Inclusiva passou a ter significado e houve a percepção de que jovens com necessidades educacionais especiais, por vezes, eram matriculados em turmas regulares, sem que lhes fosse dado um apoio ou tivessem direito a uma adaptação curricular.

Em decorrência disso, avaliou-se a quantidade de vezes que determinados alunos eram taxados de desinteressados, vitimados pelo preconceito e, conseqüentemente, excluídos na própria escola. Isso causou um incômodo.

O reconhecimento de que havia uma falta de cuidado no trato com aquelas questões, suscitado no íntimo de alguns, gerou emoção e, a partir desta, outros foram sendo envolvidos e mobilizaram-se.

Considerou-se, também, como outro dado fundamental nesse processo de implementação da educação inclusiva no CESM, a sensibilidade da então Coordenadora Pedagógica, Vera Regina Bricídio Cardoso, que, em parceria com Glauber, vislumbrou a possibilidade de envolver toda a escola num movimento sério de inclusão

de alunos, em especial os surdos, os quais já estavam matriculados na escola ou chegariam em breve.

A atuação de uma das diretoras da unidade escolar, Prof^a. Dilma Santos, responsável pela parte pedagógica, também foi bastante significativa, pois, tendo anteriormente contato com alunos surdos, em virtude de sua prática docente na rede municipal de ensino, viabilizou o processo, apresentando-se como mediadora entre aquilo que se idealizava – um projeto de Educação Inclusiva - e a direção geral do Colégio. Agora, todos eram co-responsáveis por muitos outros passos fundamentais nessa jornada produtiva e sedutora.

Passado algum tempo, o intérprete voluntário teve conhecimento de que o aluno surdo tinha direito, de fato, ao apoio de um intérprete, o qual o acompanharia regularmente nas aulas. Essa informação foi imediatamente repassada à direção do Colégio; entretanto, com a proximidade do final do ano letivo, pouco havia por fazer e Graciliano, conforme foi mencionado antes, concluiria o seu curso de formação geral no Ensino Médio sem receber a atenção merecida.

Todavia, a coordenadora e o então ex-aluno continuaram a nutrir esperanças de que era possível um trabalho sério e organizado com alunos surdos. Esse sentimento de cuidado e de “com-paixão” para com esses alunos com necessidades educacionais especiais foi tomando forma e, como a emoção mobiliza as pessoas, contagiou o grupo de educadores, que ansiava pela possibilidade de desenvolver um trabalho novo e instigador.

Depois de algumas reuniões e inúmeros contatos, dentre eles com o próprio INES e o Instituto Helena Antipoff, o Colégio começou a delinear um “projeto personalizado de inclusão”. A cordialidade, ou seja, “aquele modo de ser que descobre um coração palpitando em cada coisa, em cada pedra, em cada estrela, em cada pessoa” (BOFF, 1999) seria, por assim dizer, algo que nortearia essa busca séria e responsável por informação, para o desenvolvimento de um trabalho consciente, isto é, pautado no cuidado que é a característica singular do ser humano.

Após várias investidas e pesquisas em busca de uma diretriz, chegou-se ao NAPES (Núcleo de Apoio Pedagógico Especializado) Caxias, localizado no município de Duque de Caxias, um dos primeiros a fazer adaptações curriculares para alunos surdos.

A fim de dar continuidade ao trabalho, formalizando o que naturalmente já havia sido iniciado, foi encaminhado um ofício à SEE (Secretaria Estadual de Educação), aos cuidados da Coordenação de Educação Especial, solicitando a presença do intérprete. Além disso, houve o que se pode chamar de uma verdadeira caça aos surdos de Jacarepaguá, bairro no qual o Colégio está situado, pois naquele momento a imagem constituída era a de que a estrutura básica tinha sido montada, porém faltavam os alunos surdos.

Com muito cuidado e grande expectativa, professores foram sondados quanto ao interesse no trabalho com esses alunos, pois o processo estava sendo delimitado em consonância com o desejo de participação de cada um dos envolvidos. Foram, também, recrutados novos intérpretes, e os referidos alunos alocados em salas de aula juntamente com alunos previamente avaliados.

No desenvolvimento direto do trabalho, percebeu-se que o elemento desencadeador de todo o processo foi a sensibilidade – o cuidado essencial considerado por cada qual em sua justa medida e sinalizado, nas relações estabelecidas, por uma ternura vital pelo outro, a qual gera a carícia essencial e a cordialidade fundamental.

O que se buscou e continua a ser buscado é a convivialidade entre todos, diferentes e ricos em significados, ultimando na compaixão radical, na opção por “compartilhar a paixão do outro e com o outro” (BOFF, 1999), que se poderia traduzir por um caminhar junto com ele e, assim, construir uma história de vida dialética.

Referências bibliográficas

- BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- CHALITA, Gabriel. *Educação: a solução está no afeto*. 13. ed. São Paulo: Editora Gente, 2004.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).
- LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. O que dizem/sentem alunos participantes de uma experiência de inclusão escolar com aluno surdo. *Revista Brasileira de Educação Especial*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 257-280, 2007.